

## Uma visão hermenêutica sobre o poema “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar

Yara Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Pelo viés hermenêutico, esse artigo procura compreender ou ao menos tentar, um eu lírico cujas facetas estão incompletas ou até mesmo incompreendidas no poema ‘Traduzir-se’ de Ferreira Gullar. Diante dessa incessante busca pela tradução do ‘ser’ em busca de um equilíbrio, a teoria hermenêutica, através de seus círculos, nos ampara para iniciar essa discussão embasada nas emoções e razões de um eu lírico fragmentado pela incerteza de seu lugar na sociedade, por uma perspectiva humana e poética.

**Palavras-Chave:** Teoria hermenêutica, poema, análise poética.

**Abstract:** By the hermeneutical bias, this article tries to understand a lyrical self whose facets are incomplete or even incomprehensible in the poem 'Traduzir-se', by Ferreira Gullar. In the face of this incessant search for the translation of 'being' in search of a balance, the hermeneutic theory through its circles, supports us to start this discussion based on the emotions and reasons of a lyrical self fragmented by the uncertainty of its place in society, by a human and poetic perspective.

**Keywords:** Hermeneutical theory, poem, poetic analysis.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da sétima fase do Curso de Licenciatura plena e Letras-Ingês pela UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), Campus Universitário de Pontes e Lacerda – MT. Contato: yaraoliveira93@gmail.com

Este artigo tratará do poema “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar (2008), observado pelo viés da teoria hermenêutica. O título do poema indaga a vontade do eu lírico em se auto traduzir, uma compreensão de seus sentimentos, a tradução de um ser racional a procura de um equilíbrio entre suas emoções e razões.

“A hermenêutica no âmbito da filologia e da ciência espiritual da história, não é um “saber dominador”, isto é, apropriação por apoderamento, mas se submete à pretensão dominante do texto”. (GADAMER, 1997, p. 464) O eu lírico apodera-se da identificação com o ser humano tocado pela arte, essa sensibilidade de compreensão faz com que haja uma dualidade de sentimentos entre a emoção e a racionalidade da qual nós seres humanos somos feitos.

[...] em vez de confrontarmo-nos de imediato com objetos, com coisas da natureza, existimos compreendendo de antemão aquilo com que lidamos. Antes de se nos apresentarem como seres determinados, mesmo as coisas chamadas naturais ou artificiais, são, para nós, antes de tudo, entes disponíveis, instrumentais, no mundo circundante. (NUNES, 1999, p. 73).

Essa construção de um eu lírico preocupado com sua essência nos remete a pensarmos na construção de um ser humano que está em busca de uma compreensão. Esta pode ser identificada em suas escolhas, seu modo de agir e um temperamento indeciso quanto às dificuldades encontradas pelo caminho na busca dessa compreensão. Percebemos na primeira estrofe, partes que se misturam as indecisões que lhe são castigadas, como por exemplo: todo mundo, ninguém e fundo sem fundo. “Todo mundo” faz parte do sentimento de acolhimento, uma vontade de acolher sentimentos bons, mas sem espaço para abrigar todos eles. “Ninguém”, seu lado ameno, um ser que possui vontades inerentes de realizar o que se deseja como ser feliz, mas muitas das vezes não consegue por não ter o mundo em suas mãos. E “fundo sem fundo”, um lado cinzento, uma queda emocional a qual esse eu lírico se encontra que nunca chega a lugar algum. Assim sendo “formado pela ética da experiência da verdade oposta à estética da consciência da objetividade”. (SOUZA, 2010, p. 210).

Esse conflito interno do próprio serem responder essa auto tradução, nada mais é que o significativo em busca de significados, remetendo-nos a pensar na necessidade de nos auto avaliarmos conforme nossos discernimentos. “A distância temporal não só se interpõe entre o sujeito interpretante e o objeto interpretado, mas principalmente o determina e condiciona”. (SOUZA, 2010, p. 214) Dessa forma entendemos a exiguidade desse “fundo sem fundo” que descrito no poema, sugere uma interrogação interna, um mal encontrado, falta de respostas em

um determinado momento nublado que chega ser inundado de indecisões e de pensamentos para que consiga sair dessa nuvem nublada.

O conhecimento verdadeiramente histórico é o que se consuma no reconhecimento da sua própria historicidade. Compreender é participar do conhecimento da tradição, que se descreve no princípio hermenêutico da operatividade da história. (SOUZA, 2010, p. 214)

Percebemos que é a essência desse ser poético que se expande no poema, a fim de analisar seu próprio ego. A compreensão dessa historicidade contribui para a validação da essência desse ser, pois momentos recentes não são suficientes a critérios de análise, afirmações e até mesmo respostas. É preciso contar com a historicidade, o decorrer desse ser em compreensão de si mesmo.

Na segunda estrofe as palavras: multidão, estranheza e solidão são observadas no poema vindo de um contexto humano particular do eu lírico. “Multidão”, um ser poético dentro de um ambiente rodeado de pessoas com sentimentos contraditórios aos seus, por isso a “estranheza”, vista no 7º verso, de incertezas, uma sensação de que o ele sente-se acompanhado de pessoas que não lhe acrescentam, mas o observam-no. Eis o motivo da “solidão”. Esse significado de se sentir sozinho, uma incompletude do ser poético em resolver consigo mesmo, um isolamento moral interiorizado da solidão de espírito. É encontrado um ser poético confuso, fora de sua zona de conforto que seria o conforto de um lugar cheio de pessoas verdadeiras e que lhe sejam recíprocas.

“A objetividade se abstrai da matéria concreta do tempo presente, da vida presente, dos homens presentes e se converte na segunda das abstrações, que é o objeto geral”. (SOUZA, 2010, p. 211) Percebe-se que a necessidade de compreensão é de importância maior que a da interpretação. Por trás de um objeto geral do compreendido, encontra-se um ser poético inseguro, abstraído de suas particularidades, que caminha em busca de respostas que lhe tragam o equilíbrio desejado, tanto em sua vida literal, quanto a sua vida poética.

Partimos para a 3ª estrofe, com um ser poético relutante em desvendar seus sentimentos profundamente divididos entre a razão e o juízo, os prós e os contras, o comedimento e o devaneio que acompanha incansavelmente, lhe deixando a beira do limite do que é real e o que não é. Visto no 12º verso a palavra “delira” (GULLAR, 2008, pp. 293,294), fica claro a exaltação do eu lírico em não aceitar a situação que se encontra um desatino intenso de modo que apenas ele possa resolver. A literatura sai dos eixos do real, do exato, aqui vemos um eu lírico a beira de um precipício de emoções, indeciso cuja única saída seja enfrentar-se.

Estamos falando de um eu lírico existente na sociedade desde a antiga até a contemporânea, alguém que mantém um cotidiano comum, visto no 14º verso “almoça e janta” (GULLAR, 2008, pp. 293,294), não existe sobressaltos nesse ser aparentemente comum, que mantém uma rotina como muitas pessoas, e que como todos nós, também pode viver sentimentos intensos conforme se surpreenda emocionalmente, que fuja de tudo que é programado, esperado. Estamos falando de naturalidade.

“A ontologia da compreensão precede sempre a epistemologia da interpretação”. (SOUZA, 2010) Condiz com o fato de que o ser poético é estudado separadamente da interpretação que a ciência poderia fazer, ou o senso comum. Falamos de um estudo centrado num ser desprovido de teorias literais, o que esse ser faz interpretado cientificamente não é relevante nesse momento. Temos em mão um eu lírico “permanente” visto no 18º verso, mas não é uma permanência contínua, é um ser poético previsível em algumas situações que ao mesmo tempo pode “se saber de repente” visto no 20º verso, a espontaneidade de um ser poético instável consigo mesmo, alguém que pode não se reconhecer as vezes por motivos diversos, como respostas rápidas rudes, atitudes impensáveis em momentos inoportunos dentre outras. A questão é decifrar um ser poético que ao tornar se imprevisível, nos encha de incertezas se essas atitudes estão em busca de um bem estar em curto prazo ou duradouro, e se essas atitudes significam algo tanto para nós quanto para ele mesmo. Por isso a importância da ontologia, o estudo do ser em si mesmo. Essa ciência que trata o ser com independência juntando a racionalidade das significações.

“Uma parte de mim, é só vertigem: outra parte, linguagem” (GULLAR, 2008, pp. 293,294) assim é a 6º estrofe do poema, a prova de um eu lírico fora dos padrões esperados pela sociedade, alguém que fez da arte sua morada, que usa a vertigem como significante para sua loucura momentânea ou um ato impetuoso de irreflexão, que ao mesmo tempo vem sendo confrontada por suas próprias atitudes racionais, que podemos significar em sua outra parte “linguagem” deste ser poético ambíguo. Vejamos a última estrofe:

Traduzir uma parte

na outra parte

- que é uma questão

de vida ou morte -

será arte? (GULLAR, 2008, pp. 293,294)

“[...] A história não é a mestra da vida, mas a discípula da morte. Só conhece ou reconhece o que já não é o que já não existe, o que já não vive”. (SOUZA, 2010) Essa compreensão feita por Ronaldo de Melo e Sousa, é perfeita para atribuir-se a última estrofe logo acima, pois esse eu lírico vive numa busca incessante do equilíbrio moral e emocional, uma descrição da percepção que cada ser humano tem de si mesmo, essa dualidade interna em se enfrentar nessa incessante batalha emocional de compreender se. Falamos de um eu lírico que contrasta si mesmo proporcionando uma guerra interior, pois “traduzir uma parte na outra parte”, são os defeitos e as qualidades presentes nesse ser, que causam essa tremenda nebulosidade, ainda mais quando se é separado“- que é uma questão” “de vida ou morte”escrita no 27º e 28º verso, mostra o desespero por respostas, um ser poético que faz questão de viver essa intensidade a fim de se encontrar na arte. Pois na arte lhe é proporcionado todas as respostas pretendidas. As palavras lhe traduzem de forma satisfatória. Essa inquietação da historicidade desse ser poético é condizente com seu tempo, pois nossa imaginação também é nosso lar quando o tratar é poético.

No entanto é correto afirmar que “a linguagem se essencializa quando delinea o horizonte cognitivo, afetivo e volitivo em que se processa a experiência de uma comunidade histórica”. (SOUZA, 2010, p. 221) E foi isso que o poema nos propôs, uma linguagem essencial da perspectiva humana, delineada por um horizonte capaz de absorver conhecimentos, um horizonte repleto de problemas a serem resolvidos sob um olhar hermenêutico dos fatos.

Foi essa inquietação dada no poema inteiro que ocasionou o interesse de se compreender o próprio título, traduzir-se o que afinal? A capacidade evolutiva das emoções humanas a serem compreendidas? A forma como o ser poético pode adentrar-se no iliterário? Ou o motivo de fazer da arte moradia? Foram essas as perguntas que nos perpetuaram o pensar durante esse olhar compreensivo, como podemos traduzir alguém que nem conhecemos?. Essa é uma questão importante, o eu lírico comporta-se de forma generalizada, enfatizando a sociedade contemporânea com suas inquietações, devaneios, racionalidade, emoções, naturalidade, espontaneidade e a ontologia. “A essência do caráter linguístico da experiência hermenêutica se esclarece quando se verifica que ter linguagem significa ter mundo”. (SOUZA, 2010, p. 223) Um mundo repleto de conhecimento quem faz o uso da linguagem para o aprendizado. Viver é uma constante mudança, o conhecimento de hoje pode não ser suficiente para o amanhã, assim compreendemos a importância de sanar nossas

inquietações, tanto na vida pessoal quanto na profissional, a arte nos desloca para um território desconhecido viciante, quem conhece esse território faz visitas constantes, visitas essa que servem para todo tipo de devaneio, emocional e social.

Ter mundo quer dizer comportar-se para com o mundo. Mas comportar-se para com o mundo exige, por sua vez, que nos mantenhamos tão livres, face o que nos vem ao encontro a partir do mundo, que consigamos pô-lo ante nós tal como é. (GADAMER, 1997, p. 643)

É essa capacidade humana dita por GADAMER, (1996) capaz de fazer da linguagem um mundo de conhecimento, habitável por poucos seres, apenas aqueles dominados pela literatura em si, que usam a linguagem para atribuir-se qualidades, defeitos, perguntas e respostas. “Traduzir-se” de um significado para um significante concreto dentro de suas raízes históricas, pois ao alcançarmos a tradução de si mesmo hoje, será um ser que não manterá essa tradução num futuro próximo, essa particularidade de indivíduo por indivíduo se faz sucessivamente, o ciclo humano se encarrega de apontar seres em tempos diferentes. Mundos atuais, linguagens atuais, mas nenhum deles com o conhecimento concreto, pois existem abstrações nessa temporalidade.

Retenhamos, pois, que a vinculação linguística da nossa experiência de mundo não significa nenhum perspectivismo excludente; quando conseguimos superar os preconceitos e barreiras da nossa experiência anterior do mundo, introduzindo-nos em mundos linguísticos estranhos, isso não quer dizer de modo algum, que abandonemos ou neguemos nosso próprio mundo. (GADAMER, 1997, p. 650)

Não é preciso excluir as necessidades vitais do homem nem separar alguém do convívio comum com outras pessoas, esse conhecimento linguístico desconhecido do mundo que se está a conhecer, corresponde em não deixar para trás a historicidade que nos acompanha inquietamente, serve como experiências vividas todas as emoções e decisões que foram sentidas e tomadas, nenhum conhecimento é em vão, todo ou qualquer conhecimento é válido. É esse conhecimento interno do eu lírico que vem se desdobrando desde o primeiro verso até o último, que percorre toda uma binariedade entre defeitos e qualidades de um eu lírico inquieto, preocupado, mas que em nenhum momento deixou de se definir, sempre na busca de uma resposta que lhe fosse dar-lhe o equilíbrio emocional, o que lhe estava à procura incansavelmente. Um equilíbrio que lhe fosse lhe localizar em um mundo vasto de sentimentos genuínos.

Falamos de uma complicada arte de procurar entender o ser humano e seu existir, pois essa inquietação sobre a existência humana não é uma compulsão apenas do eu lírico e sim de todo indivíduo existente. Essa repetição do poeta em utilizar as frases “Uma parte de mim” e “outra parte” em todas as estrofes, encadeia o anseio do eu lírico em sempre se desdobrar em sujeito poético consciente e inconsciente como vemos na 3ª estrofe: “Uma parte de mim - pesa, pondera: outra parte – delira”.

“A linguagem do intérprete é certamente um fenômeno secundário da linguagem, comparado, por exemplo, com a imediatez do entendimento inter-humano ou com a palavra do poeta”. (GADAMER, 1997, p. 686) Esses vários sentidos que o poema nos proporciona, é de certo modo, extraordinário. Por mais que algum interprete procure compreender o poema da maneira de quem o escreveu, não existe e nunca existirá uma verdade absoluta de compreensão do poema, são essas várias vertentes que faz com que a literatura se desdobre nesse horizonte incalculável. É a essência das palavras que nos proporcionam a suavidade de entendimento do poema em questão, não sendo permitido de maneira alguma colocar palavras na boca do poeta, mas compreender as palavras que por ela sai.

Essa manifestação de conhecimento, entre o ser e o tempo em que o eu lírico encontra-se, acarreta em uma historicidade particular, mas que inclui indivíduos de determinadas origens, desde os indivíduos que estão à procura de respostas até aqueles indivíduos que já as encontraram. O que pode ser compreendido é linguagem, deixando para a hermenêutica o papel de uma compreensão universal.

### **Referências Bibliográficas:**

GADAMER, H.-G. *Verdade e Método*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GULLAR, F. *Poesia completa, teatro e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: Biblioteca luso-brasileira. Série Brasileira, 2008.

NUNES, B. *Hermenêutica e Poesia: O pensamento poético*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999

SOUZA, R. D. *Ensaio de Poética e Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2010

